



Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

III SINESPP

20 a 24
OUTUBRO
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

EIXO TEMÁTICO 1 | ESTADO, MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS

O DESMONTE DO ESTADO NACIONAL: o Brasil sob o domínio de médiocres

THE UNMAKING OF THE NATIONAL STATE: Brazil under the control of mediocres

Samuel Costa Filho¹

RESUMO

O referido artigo trata do projeto ultraliberal em execução no Brasil. Comandado por um governo antinacionalista, composto de médiocres, idiotas, burros, irresponsáveis, ineptos e amadores, que executa uma ação em favor da transferência de riqueza para os muito ricos e as classes ociosas e improdutivas rentistas. Inicia mostrando a escandalosa desigualdade social desse país. Apresenta como o projeto de um país menos desigual e justo proposto pela constituição de 1988 sempre foi combatido pelas elites conservadoras dessa nação. Nesse sentido, via golpe midiático, político e jurídico as elites econômicas, políticas e jurídicas viabilizaram o retorno do projeto ultraliberal, falido em 1999-2003 e rejeitado pela população em quatro eleições seguidas.

Palavras-Chaves: Brasil. Desigualdade. Projeto Ultraliberal

ABSTRACT

The article deals with the ultraliberal project in Brazil. Commanded an anti-nationalist government, made up of mediocre, idiots, stupid, irresponsible, inept, and amateur, who takes action in favor of the transfer of wealth to the very rich and the idle and unproductive rentier classes. It begins by showing the scandalous social inequality of this country, and presents how the project of a less unequal and just country proposed by the 1988 constitution has always been opposed by the conservative elites of that nation. In this sense, via the media, political and legal coup, the economic, political and legal elites made possible the return of the ultraliberal project, bankrupt in 1999-2003 and rejected by the population in four consecutive elections.

Keywords: Brazil. Inequality. Ultraliberal

¹ Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará (1980), mestrado em Economia pela Universidade Federal do Ceará (1992) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA pela Universidade Federal do Maranhão (2014). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal do Piauí e professor assistente da Universidade Federal do Piauí.

INTRODUÇÃO

A ideologia do livre mercado que domina o mundo desde os anos 1980 afirma que os mercados produzem os melhores, mais eficientes e justos resultados. Assim, devemos confiar cegamente nele e tirar o Estado do caminho. Os negócios devem ter a máxima liberdade, pois a interferência dos governos leva à queda do incentivo de investir e inovar por contrariar a lógica do mercado, produzindo resultados desastrosos (CHANG, 2013).

O liberalismo passou com grande ênfase a defender a política econômica favorável aos ricos, afirmando que são os ricos que investem e geram emprego, de modo que a ação tributária do Estado coloca restrição ao investimento e crescimento econômico. O avanço generalizado das forças da direita ao longo das últimas décadas, com grandes empresários e magnatas injetando muito dinheiro na criação de institutos e fundações para operar como “Think Tanks” conservador, difundiu o programa pró-ricos para os países emergentes, em especial, na América Latina.

Ao longo das últimas quatro décadas quase todos os países introduziram políticas econômicas de livre mercado tais como privatização, desregulamentação, liberalização, redução de impostos para empresas e os ricos e, medidas de redução do gasto social. O Brasil aderiu ao receituário liberal conservador a partir dos 1990. Desde então é intensa a campanha, as ações e práticas em prol de reformas do Estado, de eliminação das políticas de desenvolvimento econômico e de políticas de inclusão social. Desde os anos 1990, os mais ricos apresentam como objetivo desfazer os fundamentos do pacto social-democrata proposto pela Constituição de 1998, via a redução drástica e generalizada do papel do Estado brasileiro.

O projeto progressista que emergiu do processo de redemocratização dos anos 1980 e foi institucionalizado na Constituição de 1988, que coloca o Estado como papel central na agenda de indutor do crescimento e promotor do bem-estar social, nunca foi aceito pelas elites e sempre foi combatido. Esse projeto progressista de 1988 objetivando o provimento dos bens públicos pelo Estado (saúde, educação, moradia, proteção aos necessitados, aposentadoria para todos, etc.), a constituição de uma sociedade mais justa, o pagamento de uma dívida social imensa, desde então, é atacada e destruída.

Esse artigo objetiva apresentar como os conservadores, comandados por economistas ultraliberais de mercado, vem procurando destruir o Estado brasileiro eliminando as demandas sociais da democracia. Nesse sentido, além dessa introdução, o ponto seguinte do artigo aborda como o Brasil é desigual e injusto. Em seguida trata da política do atual governo do obscurantismo e composto por antinacionalistas e idiotas que estão a serviço do rentismo que põe em prática as ideias e ações dos conservadores, respaldadas em fraudes da sabedoria convencional em economia. Por fim, as conclusões.

2 O BRASIL É DESIGUAL E INJUSTO

É de conhecimento externo que a sociedade brasileira é um ponto fora da curva, ou seja, uma excrescência internacional. Nas terras Brasil, a casta dos super-ricos, grupo cheio de privilégios, controla uma parcela da riqueza nacional que não é encontrada em nenhum outro país do mundo, de modo que a mobilidade social brasileira é um vexame global. A sociedade brasileira revela ser abismalmente injusta com aqueles que têm renda baixa ou não tem renda e não têm limites em favorecer e beneficiar aqueles que têm altas rendas e são ricos, milionários ou até bilionários.

O Brasil é um país rico com poucos muito ricos e que mantém eternamente muitos pobres. É um dos países mais desiguais do mundo e essa desigualdade se manifesta em diversos níveis. O Brasil apresenta desigualdade de renda, de riqueza; de gênero e raça; de acesso aos bens e serviços públicos; desigualdade de condições de trabalho e também desigualdade regional. Essa desigualdade excessiva multiplica os conflitos e as tensões sociais, o ódio e comportamentos sociais patológicos, estimula à criminalidade, o tráfico, as milícias e tem provocado erosão da coesão social (ROSSI; DWECK; ARANTES, 2018).

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, com os dados de 2017, revela que o Brasil é o sétimo País mais desigual do mundo, ficando atrás apenas de nações africanas. O país mais desigual do mundo é a África do Sul com índice Gini de (63), em seguida vem a Namíbia (59,1), o Zâmbia (57,1), a República Centro-Africana (56,2), Lesoto (54,2) e Moçambique (54) e o Brasil (53,3). Os dados do PNUD mostram que o Brasil fica em segundo lugar em concentração de renda, superando

apenas o Catar. No Brasil, o 1% mais rico concentra 28,3% da renda total do país e a parcela dos 10% mais ricos do Brasil concentram 41,9% da renda total (JORNAL GGN, 2019).

Esse quadro econômico e social calamitoso brasileiro foi piorado com a recessão do período 2015-2019, quando os 10% mais ricos do Brasil (21 milhões de pessoas) ampliaram a sua participação na fatia nacional dos rendimentos em 6,1% e, por outro lado, os 90% restantes da população (189 milhões de pessoas) só acumularam perdas de participação nos rendimentos do país, ou seja, os ricos estão cada vez mais ricos (POCHMANN, 2019).

A desigualdade de renda no país alcançou patamar recorde em 2018, com a metade mais pobre da população (104 milhões de pessoas) vivendo com apenas R\$ 413,00 mensais, 5% da população (10,4 milhões de pessoas) sobrevivendo, em média, com R\$ 51,00 mensais, levando-se em consideração os 30% mais pobres (60,4 milhões de pessoas), a renda média per capita é de apenas R\$ 269,00 (AMORIM, 2019). Uma verdadeira calamidade social.

Nesse quadro de horror, além dos ricos e milionários, quem também se deu bem foi a hipócrita classe média, que se considera progressista e passou a poder viajar para o exterior, comprar todo tipo de produtos importados, carros de luxo, pouparem e ganhar dinheiro sem trabalhar na especulação financeira, enquanto o restante da população via seu poder de compra crescer lentamente. O restante do país sobrevive em empregos mal remunerados, muitos em trabalhos precários e ambulantes, vivendo na pobreza e em meio a violência.

A sociedade brasileira continua a conviver com a matança de negros, prisão de inocentes sem processo, com 40% sem julgamento e mantidos em prisões deprimentes. As periferias vivem ao abandono e entregues ao domínio das milícias e de seitas religiosas de negócios, em meio a guerra contra o tráfico, com a polícia matando uma média de 14 pessoas por dia em 2018 (AMANCIO, 2018) e no país essa matança atinge anualmente 60.000 pessoas, na sua maioria jovem, negra e LGBTQ+.

Nesse país, sobretudo nos últimos quatro anos o governo e os conservadores mentem e manipulam as informações. A disseminação de um discurso forjado, manipulador, fácil de ser assimilado pelos tolos e pela classe média, tem espalhado meias verdades para enganar a população, no intuito de conseguir apoio popular para

aprovar reformas antinacionais, contra a nação e em favor dos ricos. Reformas que interessam especialmente ao sistema financeiro, as multinacionais americanas de petróleo para os indivíduos bem de vida, que vendem o patrimônio nacional e relegam o futuro do povo e a formação da nação ao esquecimento.

Os muito ricos desse país transformam seu poder econômico em poder político e viabilizam um sistema que procura não somente manter os seus privilégios, mas tentam ampliá-los, não se contentando com os enormes privilégios que já possuem. É nessa hora triste da história do país que, mais uma vez, a nossa “elite” revela sua total irresponsabilidade com a nação. Estes não se importam com a sociedade, nem pensam no destino do povo brasileiro.

As elites econômicas, políticas e jurídicas do país, são fruto da elite inculta do Brasil. Esta elite é constituída por muitas pessoas sem educação, baixo nível de cultura e de conhecimento. A referida classe tem formação positivista e apresenta conhecimento presa a sua restrita área de conhecimento. Pela falta de estudo de qualidade, embora possam ter se diplomado em “faculdades”, são brancas, brutas e só entendem e repetem obviedades, banalidades, coisas triviais e reacionárias. Trata-se de gente pequena, insignificante, inculta, sem grandeza e visão de mundo e, principalmente, não entendem a importância e a grandeza do Brasil.

O Brasil do Século XXI revela possuir grande parcela da sociedade racista, intolerante, violenta, misógina, homofóbica e ultraconservadora. A sociedade mostra possuir uma significativa parcela de ricos e das classes médias ignorantes, pessoas que não valorizam educação, ciência, arte e cultura, meio ambiente e o pluralismo político e social. Não foi sem razão a eleição de um governo antinacional comandada por um grupo composto de incompetentes, ignorantes, medíocres, idiotas, burros, irresponsáveis, ineptos e amadores.

Nessa triste realidade, as nossas elites manipularam as eleições (usando artifícios legais e disseminação de ilegalidades), impuseram e conseguiram eleger um governo do atraso; o governo mais medíocre da história desse país. Colocaram um vigarista no poder. Processo fácil de executar em uma sociedade na qual estudo do lobo e inteligência revelou que 29% da população adulta no Brasil são analfabetas funcionais, não conseguem ler sequer um cartaz ou um bilhete. A população elegendo no último pleito muitos políticos de baixo nível cultural e imbecis, pessoas sem nenhum preparo,

nem mínima educação política e baixo nível de inteligência, um pessoal medíocre, além do predomínio desse tsunami de informações falsas que imperam nas redes sócias e fazem a cabeça de quem se considera informado (MOREIRA, 2019).

3 O GOVERNO DO OBSCURANTISMO E DOS IDIOTAS SOB O DOMÍNIO DO RENTISMO

O governo do obscurantismo assumiu o discurso conservador disseminado desde os anos 1990 de constante crítica ao Estado e com a pregação de que as demandas sociais da democracia não cabem no orçamento do Estado brasileiro. Nesse sentido e desde então, o objetivo conservador dos ricos e dos rentistas passou a ser a desmontagem da estrutura material do Estado e de revisão de seu aparato instrumental compreendendo:

- a) Limitar a ação do Estado de induzir e promover crescimento econômico e promover o bem-estar social;
- b) Liberalização dos mercados, privatizações e entrega do patrimônio público ao capital nacional e internacional;
- c) Priorizar os cortes de impostos das empresas e das elites econômicas;
- d) Reduzir a qualidade e a quantidade de serviços públicos e abrir espaço para a iniciativa privada (mercado de saúde, educação, água, saneamento, energia, previdência, etc.).

A extrema direita, portanto, procura aprofundar um sistema que inibe o desenvolvimento econômico, tolhe o futuro da nação e reduz as oportunidades para a grande maioria do povo brasileiro. Assiste-se a um ataque contra as iniciativas democratizantes, humanizadoras e solidárias criando um inimigo: o marxismo cultural. Entretanto, o marxismo nunca teve grande penetração no Brasil, nem mesmo nas universidades, nos sindicatos ou nos partidos progressistas. A evolução democratizante e progressista ocorrida na sociedade brasileira ao longo do século XX se deveu às lutas populares inspiradas no sentido cristão de dignidade, um valor que foi capaz de produzir os consensos necessários a essa evolução e, não nas concepções inspiradas no socialismo científico que sempre foram minoritárias, mesmo no campo progressista (ANDRADE, 2019).

Porém, essa ação das elites conservadoras não é novidade na sociedade brasileira. Dois projetos para o Brasil se confrontam desde 1930, quando Getúlio Vargas lutou e venceu o lado antinacional e do atraso daquela época, iniciando um projeto de Brasil moderno. Desde então, os projetos de modernidade e o projeto do atraso alternaram-se no poder nas terras brasileiras. Hoje, está em vigor o projeto das elites econômicas conservadoras e rentistas contra a democracia. Capitalistas que vivem de aplicações financeiras, se apropriam da riqueza produzida pela sociedade e que é extraída pelo Estado, que prioritariamente direciona para essa classe parasitária, que não investe e muito menos paga imposto.

O plano é entregar o máximo do patrimônio do Estado ao capital privado, priorizando os interesses dos ricos. O governo está muito preocupado em proteger os interesses das finanças. Nesse sentido, o estoque total de títulos públicos federais que registrava o valor de R\$ 3,1 trilhões em 2016, chegou em 2019 com esse estoque da dívida atingindo R\$ 4.2 trilhões, mesmo com o governo pagando só de juros nesse período R\$ 1,55 trilhões, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 – Evolução do Estoque Total da Dívida Pública Federal e Pagamento de Juros pelo Governo Federal

Posição no final do ano	Estoque dívida	Crescimento estoque em relação ao ano anterior		Pagamento de Juros no ano (R\$ bi)
		(R\$ bi)	(%)	
2016	3.112	317	17%	407
2017	3.559	447	14%	401
2018	3.877	318	9%	379
2019	4.248	371	10%	367

Fonte: Elaboração própria com base em Kliass (2020)

Mitos dirigidos ao senso comum por obra da desonestidade intelectual (o Brasil está quebrado, existe um descontrole das contas públicas, o Estado brasileiro não cabe no PIB, reforma trabalhista vai gerar seis milhões de empregos, reforma trabalhista fará o investimento voltar, a previdência tem déficit, sem reforma da previdência o governo no futuro não poderá pagar os aposentados, a reforma da previdência vai fazer o país crescer, etc.), a defesa da oposição inconciliável entre Estado e a liberdade individual, a

ideologia da “Política do Gotejamento” – de que com o tempo a concentração da riqueza transbordará chegando a todas as camadas sociais, a ideia de que todos podem vencer, basta se esforçar – é disseminada pela grande imprensa e pelos intelectuais orgânicos, fazendo a cabeça do chamado cidadão.

Trata-se de uma prática para viabilizar o projeto do Mercado. O projeto dos muito ricos, das classes ociosas e improdutivas que vivem de renda – rentistas, dos megainvestidores, das empresas estrangeiras, dos grandes ruralistas, dos proprietários dos meios de comunicação de massa, dos grandes empresários, dos grandes banqueiros e de seus representantes na política, na mídia e na academia; e das seitas religiosas do atraso, baseadas na teologia da prosperidade e da religiosidade ligada ao princípio do dinheiro. É o projeto que atende a uma ínfima minoria do povo brasileiro e não tem a mínima possibilidade de incluir a grande maioria da população do país, que ficará sujeita a trabalhos precários, temporários, informalidade, miséria, fome, à contravenção em suas diversas formas, à bandidagem, etc. (GUIMARÃES, 2019).

Assiste-se a execução desse projeto ultraliberal que se baseia na crença de que a iniciativa privada pode resolver todos os problemas brasileiros e ainda, que a iniciativa privada estrangeira é melhor do que a brasileira. É um projeto que dissemina a ideia de que o Estado impede a ação eficiente da liberdade econômica, cobra impostos excessivos, protege em demasia o trabalho, prejudica o empreendedor com uma política que regulamenta exageradamente as atividades econômicas e distorce a economia. Acrescente-se ainda que este Estado seja ineficiente e corrupto.

O projeto atual do atraso que impede o governo de atuar para promoção do desenvolvimento econômico e de agir para viabilizar uma sociedade menos desigual está em execução, via sucateamento da estrutura de nosso aparelho estatal. Nesse sentido, são tantas as ações, as medidas e as promessas objetivando o desmonte e destruição do Estado Nacional. Para isso, atua em duas frentes. De um lado, elimina as normas e regulamentos e desmantela as instituições que deveriam atuar nas áreas sociais e de investimento, além de estrangular a dotação dos recursos orçamentários sociais e para os investimentos.

Por dentro e por fora, esses antinacionalistas procuram destruir o Estado Brasileiro, seu projeto é a desconstrução do Estado em todas as suas dimensões sacrificando expressiva parte da população e garantindo os ganhos e os interesses dos

rentistas. A estratégia significa na verdade a “Destruição, Demolição e Desmanche do Estado Nacional”.

Esse projeto do Mercado, que naufragou no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, já foi rejeitado pela população nas urnas em quatro eleições consecutivas com as derrotas eleitorais de José Serra, Geraldo Alkmin, José Serra e Aécio Neves, mas retornou pelas mãos do governo golpista de Michel Temer e está sendo aprofundado através do medíocre governo de Bolsonaro. O golpe jurídico, midiático e político aprofundou a recessão provocada pelas políticas ultraliberais a partir da administração da economia de Joaquim Levy, causando prejuízos enormes à economia brasileira com falências, destruição de cadeias produtivas importantes, milhões de desempregados e uma população sem líderes, sem rumo e amargurada.

Está em andamento um **modelo que acaba com a dignidade da nação brasileira**, não respeita os grandes valores das sociedades modernas que são a liberdade individual, o bem-estar econômico, a justiça social e a proteção do ambiente. É diante dessa realidade terrível que o governo do Brasil escandaliza a comunidade internacional, além de não demonstrar interesse na defesa do que é melhor para a nação Brasil. A Constituição de 1988 que nos acenou com uma alternativa estratégica do Brasil, para a enorme maioria do povo brasileiro, está sendo substituída por uma estratégia simplista, definida por iluminados radicais, apoiado na desonestidade intelectual **das fraudes nada inocentes da sabedoria convencional (ortodoxia)**.

As fraudes da sabedoria convencional estimulam a aplicação de medidas de autoflagelação econômica, práticas que só são aceitas por religiões primitivas que permitem que seus fiéis se mutilem para se eximir de suas culpas, com autoflagelação física. As medidas de Lei do Teto, Regra de Ouro, Lei de (I)Responsabilidade Fiscal, Superávit Primário, Banco Central Independente que operam castigando o futuro de progresso do país, impedem o desenvolvimento nacional, muito embora trabalhem em favor da transferência de riqueza para os muito ricos e as classes ociosas e improdutivas rentistas. Essa política econômica ultraliberal se mantém apesar dos desastres provocados e dos flagrantes desmentidos no que diz respeito à veracidade dessa ideologia na história recente do capitalismo.

No período de domínio ultraliberal o comportamento é de crescimento econômico anêmico, maior instabilidade, crises financeiras recorrentes, aumento da desigualdade, salários estagnados e aumento das horas trabalhadas. Assim, abriu-se um campo para o retorno, simultaneamente, dos valores sociais do Brasil do Século XIX, de opressão da mulher, de discriminação racial, de exploração total do trabalhador, da violência policial contra os pobres e trabalhadores, de privilégio aos poderosos, de educação e cultura censuradas e restritas, da defesa de valores superados pela modernidade cultural, de economia e atraso agroexportador, de não industrialização, do controle do Estado pelo capital financeiro via imposição de regras e de metas, de total domínio do sistema político pelos mais ricos e pelo avanço de seitas religiosas de moralismo tosco, uma cópia do que é triste, abominável e vergonhoso nos Estados Unidos, uma forma grotesca e muito piorada do já é muito ruim naquele país.

Acontece que esse projeto de hipocrisia conservadora ultraliberal que objetiva eficiência, o desempenho e rentabilidade tem tornado o ambiente social brasileiro mais degradado, produzindo o esvaziamento da política, onde impera o desencanto com a participação e interesse por ela, estimulando o principal erro do cidadão que é o seu crescente desinteresse pela esfera pública, a desvalorização do bem público e o desprezo pela ordem jurídica.

Na sociedade cresce a intransigência, se dissemina o ódio, expande-se a violência, cresce o domínio do senso comum dos tolos, os combates à ciência atacam e agredem as pessoas esclarecidas, e também as de comportamento progressistas ou diferentes. Os indivíduos com espírito crítico, sensibilidade e mais inteligência são logo tachados de comunistas. Em nenhum momento da história brasileira presenciamos uma decadência de valores e estreitamento de ideias em um nível tão baixo. Não é sem razão que no Brasil, mais que em qualquer lugar, a democracia cada vez mais está em risco, ocorrendo um processo de desativação de diversos princípios que regem a democracia liberal.

O modo de vida disseminado pelo ultraliberalismo nos últimos trinta anos, de competição e consumismo desenfreados, gerou uma fábrica de frustração em larga escala (AQUINO, 2019). Uma degradação no agir comanda o modo de vida dos indivíduos e tem gerado sofrimento psíquico e a necessidade de ajuda, que cada vez

mais cria mercado para essa gente que se intitula de Coach, venda de livros de autoajuda e a expansão de seitas da religião de negócio de ganhar dinheiro. Os indivíduos cada vez mais perplexos e com falta de oportunidade são dominados pelo alcoolismo, transtornos mentais, obesidade, jogatina, contravenções, violência, estresse e ansiedade. As pessoas desorientadas, somente percebem suas vidas piorando e não veem solução.

Esse processo viabilizou a vitória de um governo Frankenstein, sustentado por uma aliança formada por grupos de extrema-direita, de militares aposentados, seitas religiosas fundamentalistas, milícias privadas, clubes de tiro e senhoras rezadeiras, financiados pelas elites tradicionais, tutelados pela grande imprensa conservadora e sustentados, pelo governo norte-americano. Desse modo, estamos sendo governados e dirigidos por um grupo antinacionalista de burros, irresponsáveis, ineptos e amadores (FIORI, 2019).

Esse governo Frankenstein que atua como um Estado Mafioso, onde impera a corrupção política, o fisiologismo, nepotismo, clientelismo exercendo o poder na linha de um capitalismo de compadrio e um capitalismo clientelista na defesa de interesses classistas e de castas específicas (mercado financeiro, militares, judiciário, grandes corporações), não existindo objetivos de políticas públicas para o bem da nação e, muito menos, de interesse nacional (NOGUEIRA DA COSTA, 2019).

O projeto que está sendo implementado no Brasil é um projeto social retrógrado patrocinado por organizações religiosas, setores mais conservadores das elites e classes médias, sustentado nos valores e ideias de que o brasileiro, devido a suas condições econômicas e culturais, tem uma grande maioria da população brasileira sujeita a ser manipulada por indivíduos populistas, socialistas, comunistas. Esse grupo de Frankensteins acredita que o Brasil apresenta uma sociedade intrinsecamente corrupta, em que todos os políticos e partidos são essencialmente corruptos.

Enfim, uma agenda anticorrupção foi articulada por um movimento unindo os interesses americanos, do setor financeiro, do agronegócio, militares, respaldado pela ação que se fingia de jurídica, mas representava a quintessência da corrupção contemporânea, via discurso falso contra a corrupção no governo, um rolo compressor que viabilizou a criminalização da política e, possibilitou que o governo Dilma fosse

derrubado por golpistas corruptos, nos levando a essa avacalhação que impera hoje no Brasil (MIRANDA, 2019b).

4 CONCLUSÃO

Nos últimos quarenta anos **um mal ronda** a terra afirmando que devemos confiar cegamente no mercado e tirar o Estado do caminho. O Estado não é solução para os males da nossa sociedade, não existindo justificativa para interferência dele na economia sendo necessário minimizar o seu papel. O Estado poderoso é ruim ao restringir a liberdade e torna a economia menos dinâmica, produz resultados medíocres, leva a ineficiência, ao desperdício de recursos, perda de investimento e emprego, e por tornar os pobres preguiçosos e privar os ricos dos incentivos para criar riqueza. Baseado em suposições teóricas e empíricas de economia altamente questionáveis está em curso uma política de restringir a ação do Estado.

O Brasil governado por idiotas avança com essa política de acabar com o Estado brasileiro e tem usando a má-fé e a ignorância, para disseminar uma atitude reacionária, criminalizando as políticas do Estado, demonizando a política e os movimentos sociais, e difundindo o discurso de ódio, além de combater ao conhecimento científico com a pregação da Escola sem Partido, o avanço do obscurantismo religioso, a expansão de Fake News no aparelho do Estado e o ativismo do judiciário. A mentira, a falácia, a intolerância e ódio comandam o retrocesso material e intelectual do projeto presente na sociedade brasileira.

Nesse sentido as políticas que estão sendo executadas pelo governo Frankenstein são a reforma despolitizadora do ensino, o fim da “liberdade de cátedra”, a luta contra a liberdade de orientação sexual, a criminalização do aborto em qualquer circunstância, a defesa do uso da violência policial extrema, o armamento geral da população civil, a restauração do controle masculino sobre a família e a mulher, a leniência na penalização da violência contra a mulher, a censura a manifestações culturais não conservadoras e a destruição da universidade pública brasileira.

Nessa realidade e em meio à quarta década perdida, o capital financeiro está ganhando muito dinheiro, controla o Congresso Nacional e aprova medidas que

revogam os avanços constitucionais de defesa do trabalho, da aposentadoria, além de comprar o patrimônio público por valores irrisórios.

O governo vende o futuro da nação, entrega graciosamente nossas riquezas e o pré-sal, dificulta um futuro de progresso e desenvolvimento, sendo mais que tudo antinacional. Projeto e roteiro de um desastre anunciado, o futuro do Brasil sem Estado, sem reservas, sem moeda e sem indústria, sem petróleo, sem patrimônio nacional porque tudo foi vendido.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Thiago. Mortes violentas avançam e batem novo recorde no país; polícia mata mais. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/mortes-violentas-avancam-e-batem-novo-recorde-no-pais.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2018.

AMORIM, Daniela. Metade dos brasileiros vive com R\$ 4.1300 mensais. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,metade-dos-brasileiros-vive-com-r-413-mensais,70003051718>. Acesso em: 16 out. 2019

ANDRADE, Ion. **O enfrentamento do fascismo cultural fora de nós e... dentro de nós.** Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/analise/o-enfrentamento-do-fascismo-cultural-fora-de-nos-e-dentro-de-nos/>. Acesso em: 13 out. 2019.

CHANG, Ha-Joon. 23 coisas que não nos contaram sobre o capitalismo. São Paulo: Cultrix, 2013.

FIORI. José Luís. Danação da história e disputa pelo futuro. Disponível em:

<https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/fiori-a-danacao-da-historia-e-a-disputa-pelo-futuro/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

GUIMARÃES, Samuel P. O Brasil em meio a dois projetos. Disponível em:

<https://outraspalavras.net/estadoemdisputa/o-brasil-em-meio-a-dois-projetos/>. Acesso em: 06 nov. 2018.

JORNAL GGN. Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo, diz pesquisa. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/noticia/brasil-e-o-setimo-pais-mais-desigual-do-mundo-diz-pesquisa/>. Acesso em 09 dez. 2019a.

KLIASS, Paulo. Quem ganha com rombo infinito das contas públicas. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/quem-ganha-com-rombo-infinito-das-contas-publicas/>. Acesso em 05 fev. 2020.

MIRANDA, Álvaro. Combate à corrupção se tornou a nova doença holandesa do Brasil Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/combate-a-corrupcao-se-tornou-a-nova-doenca-holandesa-do-brasil-por-alvaro-miranda/>. Acesso em: 29 out. 2019b.

MOREIRA, Romulo de A. Estaríamos sob a ditadura da burrice e da irracionalidade? Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/estariamos-sob-a-ditadura-da-burrice-e-da-irracionalidade-por-romulo-de-andrade-moreira/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

NOGUEIRA DA COSTA, Fernando. Facada no Brasil com 3 D: Destruição, Demolição e Desmanche do Estado Nacional. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/facada-no-brasil-com-3-d-destruicao-demolicao-e-desmanche-do-estado-nacional-por-fernando-nogueira-da-costa/>. Acesso em: 07 nov. 2019

POCHMANN, Márcio. Da destruição da economia e ambiental ao atraso como projeto de nação. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/da-destruicao-da-economia-e-ambiental-ao-atraso-como-projeto-de-nacao-por-marcio-pochmann/>. Acesso em: 07 out. 2019.

ROSSI, Pedro; DWECK, Ester; ARANTES, Flávio. Economia para poucos: impactos sociais da austeridade e alternativas para o Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.